

---

# INDÍCIOS DE UMA NAÇÃO

---

## EM DOIS POEMAS

---

### DE NEVFEL CUMART\*

---



Dionei Mathias\*\*

**Resumo:** *Nevfel Cumart, poeta de língua alemã, pertence à segunda geração de imigrantes turcos na Alemanha. Muitos de seus poemas discutem a existência desse grupo social, tratando dos conflitos que caracterizam seu universo pessoal. Este artigo pretende analisar dois poemas, nos quais Cumart aborda a questão da nação, a qual é entendida aqui como enredo que representa um espaço geográfico. Assim, a análise primeiramente estuda as relações afetivas envolvidas na narrativa nacional e, na sequência, foca no processo de hibridização cultural dentro dos limites do espaço nacional.*

**Palavras-chave:** *Nevfel Cumart. Poesia. Nação.*

**N**evfel Cumart é um poeta alemão, filho de imigrantes turcos radicados na Alemanha. Com uma extensa produção literária, o escritor aborda uma série de conflitos existenciais que atribulam a condição humana na virada do milênio. Apesar de sua extensa produção lírica, os estudos sobre sua obra são escassos, como aponta Ye ilada (2012, p. 268). Dentre esses conflitos, encontram-se também a situação do imigrante e dos filhos desses imigrantes que crescem e são socializados numa cultura diferente daquela dos pais. Dessa constelação social surge uma série de questionamentos, para os quais pais e filhos ou mãe e filhas precisam encontrar respostas. Os desafios não residem somente na alteridade cultural e na necessidade de dominar práticas comunicacionais diversas. Eles abarcam também a complexa negociação de pertencimento ou o lugar de fala a partir de raça, etnia, gênero, sexualidade ou religião e incluem o capital intelectual que o sujeito detém para desenvolver sua flexibilidade no processamento e na produção de signos, nos diversos contextos nos quais transita.

---

\* Recebido em: 06.12.2017. Aprovado em: 12.12.2017.

\*\* Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria.

Em muitos estudos relacionados à questão da migração, Anthias mostrou que a condição de imigrante sempre está interconectada com “diferentes identidades e estruturas hierárquicas relacionadas a gênero, etnia, ‘raça’, classe e outras divisões sociais em níveis local, nacional, transnacional e global” (ANTHIAS, 2012, p. 102)<sup>1</sup>. Ou seja, o sujeito jamais é somente imigrante como essência; seu êxito e o sucesso de seus filhos sempre vai depender de uma série de posicionamentos nas diversas divisões sociais que constituem a prática social. Esse posicionamento também diz respeito à questão da nação, especialmente importante no caso da imigração, já que se trata, muitas vezes, de uma mobilidade entre espaços nacionais.

Em seu estudo desbravador sobre o conceito de nação, Anderson (2008) nos ensina que a comunidade resulta, antes de mais nada, de um processo de imaginação, produzindo uma comunidade que compartilha um “enredo” comum. Nisso, os elos que ligam um grupo podem ser muito diversos: sangue e território, língua e etnia, ou adoção de um sistema de valores que orienta comportamentos e interações em sociedade (AHMED/FORTIER, 2003, p. 251). De certo modo, o resultado dessas inúmeras interações é uma malha simbólica denominada de cultura que orienta os diferentes membros pertencentes a essa comunidade no que dizer respeito a formas de pensar, agir, sentir ou comunicar-se (HANSEN, 2011), facilitando, com isso, a concretização existencial cotidiana e determinado as modalidades de socialização, pelas quais cada indivíduo precisa passar, a fim de participar ativamente dos processos que renovam e estabelecem o enredo nacional.

Nem cultura, nem nação, nesse contexto, são essências imutáveis, pelo contrário, o discurso em volta da nação e os signos mínimos que fundamentam a tessitura cultural são negociados diariamente, inovando ou mantendo práticas sociais, mas também oferecendo resistência às interpretações impostas. Nisso, é preciso perguntar, como o fazem Ahmed e Fortier (2003, p. 252), “como algumas comunidades são imaginadas como mais desejáveis do que outras? Quais comunidades sobrevivem e quais não? Como comunidades são um efeito de poder ou de reivindicações de espaço por alguns corpos e não outros?”<sup>2</sup>. Diante desses questionamentos, fica claro que o enredo da nação não pode ser produzido livremente pelos membros que compõem sua comunidade. As malhas de poder e as dinâmicas discursivas definem como determinados trechos desse enredo são narrados e, sobretudo, quem pode participar no processo de composição e representação do espaço nacional. Quem não tem poder de determinação, contudo, não deixa de construir sua narrativa nacional, mas ela certamente não está configurada nos mesmos moldes utilizados por aqueles que têm poder de definição e liberdade narrativa.

Dependendo da sociedade, a inserção de indivíduos com uma história de migração nessa malha nacional se revela especialmente dificultosa, uma vez a fundação do enredo nacional se baseia justamente no princípio da exclusão. Barreiras, limites e fronteiras, em grande parte, são imaginados como o objetivo de fortalecer a identidade nacional. Desse modo, o sujeito cujo passado não legitima sua participação como membro de determinado espaço, ao menos de acordo com a formatação discursiva que prevalece nesse território, precisa primeiramente compreender as modalidades de produção cultural, para a partir desse conhecimento começar a questionar as regras de pertencimento. Na verdade, esse questionamento representa uma etapa no processo de negociação e renovação do enredo que representa determinada nação.

Cumart problematiza as modalidades de pertencimento, mostrando, sobretudo, o papel que a nação tem para a concretização existencial no plano individual. Nos poemas a serem analisados, ele

aborda a questão da nao no espaço público, mas também a posiciona no espaço íntimo do sujeito, indicando suas repercussões para a construo da identidade pessoal. Nesse sentido, este artigo pretende discutir o conceito de nao em dois contextos: primeiramente as relaes afetivas envolvidas na narrativa nacional e, na sequência, o processo de hibridizao cultural dentro dos limites do espaço nacional.

## NAO E RELAES AFETIVAS

O primeiro poema a ser analisado apresenta o título “ber die heimat II” (‘sobre a pátria II’), contendo oito versos, sem estruturao rmica. Num tom lacnico, aparentemente sem grande envolvimento emocional, a voz lírica aborda a questão da nao em seu poema, iniciando a problematizao por meio da diferenciao entre nao e pátria:

*ber die heimat II*

*1 mein vater*

*2 kehrt in die trkei zurck*

*3 er mchte nicht*

*4 in der fremde sterben*

*5 auch ich mchte nicht*

*6 in der fremde sterben*

*7 und entschiee mich*

*8 in bamberg zu bleiben*

*(CUMART, 1998, p. 18).<sup>3</sup>*

### **sobre a pátria II**

*1 meu pai*

*2 retorna  turquia*

*3 não quer morrer*

*4 no estrangeiro*

*5 eu também não quero*

*6 morrer no estrangeiro*

*7 e me decido*

*8 a ficar em bamberg*

Em seu poema, a voz lírica não utiliza a palavra nao. Em seu lugar, encontramos o lexema “heimat”, com sua etimologia atrelada ao campo semântico de lar, do estar em casa, evitando, com

isso, o conjunto de semas políticos, jurídicos e de poder que caracteriza a palavra nação. O título do poema contém o algarismo romano II, o que sugere que não é a primeira vez que a voz lírica tenta se aproximar desse tema e encontrar uma resposta. O fato de haver de uma sequência nessas tentativas indica a dificuldade de definir o espaço territorial de pertencimento, exigindo, portanto, da voz lírica uma aproximação repetida e vagarosa, a fim esclarecer esse aspecto de sua existência. Essa reaproximação, ao mesmo tempo, que indica o processo moroso implicado no processo de obtenção de respostas claras, enfatiza que a questão do arraigamento nacional não se limita ao princípio de concessão de passaportes. Pelo contrário, o que está no centro aqui é o envolvimento afetivo que o espaço territorial implica para a concretização existencial do indivíduo. Justamente o investimento de energia emocional é o foco do poema, evidenciando os laços afetivos do pai, portanto da primeira geração de imigrantes, e do filho, representante de uma geração que já foi socializada no novo espaço cultural.

De modo lacônico, a voz lírica relata o retorno do pai à Turquia. O que num primeiro momento parece ser uma constatação corriqueira sobre uma decisão da esfera cotidiana, no entanto, revela algo não somente sobre a condição do imigrante no país de acolhimento, mas também sobre suas implicações para a família. Ao afirmar o desejo de não querer morrer no estrangeiro, o pai indica que não criou laços afetivos com o país, isto é, toda sua energia emocional permaneceu canalizada em direção ao país de origem, a ponto de desejar passar a fase final de sua vida em sua terra natal, mesmo se isso significar a distância dos filhos. O impacto dessa configuração afetiva não recai somente sobre o pai, que permanece estranho no país, ela, de certa forma, também apresenta implicações para o filhos, já que estes são socializados numa condição afetiva ambígua, criando conflitos de lealdade. Para os filhos, a clareza que permite à geração paterna uma canalização afetiva sem meandros, sem perdas, permitindo uma tomada de decisão sem um prejuízo afetivo conflituoso, não é automática, já que seu universo afetivo pessoal teve sua gênese no novo espaço cultural. Diante desse panorama, permanece o conflito entre a lealdade à configuração afetiva da geração paterna, o que tem uma importância muito grande no seio familiar, e, por outro lado, a lealdade ao lugar da gênese pessoal e da história pessoal de afetos.

A voz lírica se posiciona diante desse conflito na segunda estrofe. Seus dois primeiros versos funcionam como transição argumentativa e como construção do elo afetivo entre pai e filho, enxergando no comportamento paterno uma experiência emocional comum. Esta reside no desejo de estar no momento provavelmente mais complexo da existência humana, já que exige do sujeito um esforço máximo de construção de sentido, no lugar onde a base teleológica está mais segura. No lugar de um conflito entre pai e filho, há um exercício de empatia que procura retrair o caminho afetivo.

A diferença central entre o posicionamento do pai e do filho reside obviamente no lugar onde desejam morrer, mas ambos o desejam no país de origem. Problemático, neste caso, é o movimento de estranhamento ou de problematização que surge a partir do posicionamento da voz lírica. O poema parece representar também o resultado de uma sequência de legitimação, na qual o enunciador da fala tenta encontrar clareza sobre os motivos, pelos quais não se identifica com a pátria do pai. Esse comportamento surge com certa frequência entre membros da segunda geração, isto é, entre filhos de imigrantes que, de certa forma, têm laços de lealdade tanto com o país de origem dos pais como também com o país, no qual acabaram nascendo e no qual foram socializados. Com isso, o processo

de legitimao  duplo. Por um lado, ele precisa acontecer no seio familiar, já que há um deslocamento no investimento emocional do país de origem para o país de acolhimento dos pais. Por outro lado, a legitimao também se dirige  esferas exteriores, pois estas não raramente esperam que a identificao da segunda gerao ainda esteja voltada para o país da primeira gerao.

A voz lírica resolve esse conflito com a escolha do lugar. Ao contrário do pai, que nomeia um país, onde deseja ser enterrado, o filho escolhe a cidade de Bamberg. Embora não seja relevante para a análise do poema, talvez seja permitido lembrar que Nevfel Cumart estudou na Universidade de Bamberg e continua vivendo nessa cidade, isto é, para o autor ela contm uma carga emocional de peso. No caso do poema, a voz lírica evita a polmica questão do pertencimento nacional, ao não indicar a Alemanha como lugar. Nisso, ela produz uma ruptura, ao não permanecer no mesmo nível político, já que no lugar de país indica uma cidade.

O que permanece o mesmo, no entanto, é o lao afetivo. Para ambos, o fator central  não ser estranho do lugar onde ficarão seus restos mortais. Não ser estranho significa, antes de mais nada, poder construir uma narrativa afetiva com o lugar. Nisso, a voz lírica não abre mão de seu desejo de pertencimento na esfera nacional, mas chama a ateno para o papel da afetividade na dinâmica de pertencimento. Talvez, como aponta Bourke (2006, p. 184), o conceito de nao seja insuficiente para a construo de identidade pessoal. No lugar abstrato da nao com suas fronteiras discursivas, a voz lírica opta pela produo de localidade, colocando no centro de sua representao o espao concreto de vida e interao.

## PROCESSO DE HIBRIDIZAO CULTURAL

O segundo poema intitulado de “zweite Generation” (‘segunda gerao’), de certo modo, retoma a discussão do primeiro poema analisado. Ele contudo apresenta um deslocamento de foco. Enquanto o primeiro se concentrava na questão do estar em casa num espao político geográfico, este segundo discute o pertencimento cultural da segunda gerao:

### **zweite generation**

1 *auf unseren*

2 *schultern*

3 *die brde*

4 *zweier welten*

5 *unser geist*

6 *ein schmelztiegel*

7 *im flammenmeer*

8 *tausendjhriger kulturen*

9 *sind wir*

10 *freunde der sonne*  
11 *und der nacht*  
(CUMART, 1998, p. 16).

### **segunda gerao**

1 *sobre nossos*  
2 *ombros*  
3 *o fardo*  
4 *de dois mundos*  
  
5 *nosso espírito*  
6 *um caldeirão*  
7 *no mar de chamas*  
8 *de culturas milenares*  
  
9 *nós somos*  
10 *amigos do sol*  
11 *e da noite*

O poema está composto por onze versos, sem peculiaridades rmicas, mas com uma estruturao gráfica especial, com adentramentos diferentes a cada verso, criando uma impressão visual semelhante ao de ondas ou, ao menos, de um movimento de transio entre os diversos elementos que compõem a materialidade visual do poema. Para Ye ilada (2012, p. 272), a configurao gráfica evoca uma escada. Ao meu ver, a ideia de ondas está mais próxima, pois se encontra em consonância com a imagem do “mar de chamas”, inserida na segunda estrofe. Seja como for, essa estruturao da forma tem um impacto para a compreensão do poema, pois este aborda justamente a questão da transio cultural da segunda gerao. Desse modo, o poeta indica na forma o que vai discutir no conteúdo, entendendo com isso as esferas ou as camadas de significados inerentes ao poema. As três estrofes que compõem o poema buscam compreender o lugar dos indivíduos que pertencem  segunda gerao, isto , que transitam entre duas socializaoes culturais, com seus modelos e expectativas de comportamento e ao. A primeira e a terceira estrofe indicam compreensoes dicotmicas. A segunda, que se encontra num posio central entre essas concepoes polarizadas, sugere a desconstruo ou, ao menos, a aproximao dos extremos.

A primeira estrofe introduz um complexo metafórico para caracterizar a condio existencial da segunda gerao. A socializao nas duas culturas, com suas diferentes expectativas de comportamento e ao, mas também, com seus modos diversos de canalizar e exteriorizar experiências afetivas, se encontra marcada por meio da metáfora do fardo. Esta apresenta claras conotaoes de alto investimento de energia tanto emocional como física, uma vez que também a administrao do corpo, seus gestos e movimentos segue a lógica da cultura, em cujas redes semânticas o sujeito transita. A energia que o indivíduo investe nas duas culturas parece estar atrelada ao princípio da afi-

liao, com suas exigências de lealdade e responsabilidade, diante das expectativas que cada espao cultural impo a seus membros. Isto é, ao sentir-se afiliado a dois complexos culturais o indivíduo responde por dois conjuntos de regras sociais, com todas suas normas tácitas que regulamentam o convívio social e a interpretao de realidade. Nisso, o indivíduo não tem de desenvolver um conhecimento muito mais amplo, ele precisa canalizar suas energias de formas múltiplas.

Enquanto a primeira estrofe apresenta um foco mais amplo, direcionado primeiramente a dois espaos culturais, aos quais a voz lírica se sente afiliada, a segunda deixa esse espao público e seu impacto sobre o universo anmico individual para focar naquilo que as duas culturas representam numa esfera mais íntima de autoconcepo. Isto é, o movimento de percepo muda: no primeiro de fora para dentro, na segunda, de dentro para o mundo. É na segunda estrofe que o princípio de hibridizao parece ficar mais explícito, ao utilizar a metáfora do caldeirão para caracterizar o espírito da voz lírica. A palavra alemã “Schmelztiegel” é composta por dois elementos unindo os lexemas para “caldeirão” e “fusão”. Essa imagem é utilizada com certa frequência para indicar o processo de confluências de redes de sentido, oriundas de diferentes contextos culturais. Certamente não  necessário ressaltar que os semas que formam essas redes de sentidos não são essências imutáveis, pelo contrário, como a metáfora do caldeirão sugere, esses semas vo alterando sua composio ao interagirem com os diversos elementos que os circundam, mas em todos os momentos há unidades mínimas de sentido, por mais instáveis e passageiras que seja, que servem como base para a apropriao e representao de realidade por parte do sujeito. Essa confluência de semas, isto é o encontro de duas visões de mundo, não  tpica somente para indivíduos com duas afiliaes culturais diferentes. Com efeito, toda vez que dois sujeitos interagem há uma negociao e modificao de sentidos. O que os diferencia, contudo,  sua problematizao e o conflito pessoal que esse encontro produz em seu universo pessoal.

A última estrofe introduz ideias tanto de hibridizao como de essência. O par dicotmico sol e noite parecem representar as duas culturas, cujo fardo, a voz lírica carrega. Ao mesmo tempo, esta caracteriza a segunda gerao como “amigos” de ambos, o que indica que reúne em si elementos de ambas as esferas culturais. Com isso, a terceira estrofe confronta o leitor com uma concepo que teoricamente  problemática. Pares dicotmicos e concepes essencialistas são considerados ultrapassados, já que as unidades mínimas que formam a tessitura cultural são instáveis e altamente dinâmicas, não permitindo concebê-las como algo fixo. A hibridizao, por outro lado, também pode ser problematizada como conceito, já que se trata de uma experiência que afeta qualquer indivíduo em suas interaes, onde o princípio da confluência predomina, aparentemente, portanto, não servindo como termo para descrever a experiência do encontro cultural.

Contudo, por mais problemáticos que ambos os conceitos sejam, eles ainda parecem servir como instrumento para descrever a visão de mundo de muitos atores sociais. Com efeito, o princípio de diferenciao não parece ser o mecanismo adotado no cotidiano para o processo de percepo e apropriao de realidade. Por conta da economia cognitiva e afetiva, o indivíduo não raramente faz uso de esquemas menos diferenciados para compreender o mundo e descrevê-lo.  essa visão de mundo que também tem um impacto na forma como o sujeito interage e se comporta nas diferentes esferas sociais. Com isso, por mais problemáticos que os conceitos sejam teoricamente, a voz lírica os usa como princípios para sua concepo, criando com isso um conjunto imagético que tenta repre-

sentar justamente a configuração afetiva e cultural de indivíduos que pertencem a duas formatações discursivas diferentes. Talvez essa simplificação seja um retrato da realidade tão válido como a diferenciação detalhada.

Isso têm também vale para a problemática da nação. A nação entendida como espaço cultural , ao mesmo tempo, um complexo semântico instável, a ser negociado e atualizado a cada nova interação, em que o entendimento – daquilo que a nação em questão representa para os atores sociais naquele momento –  discutido, mas também uma prática de representação essencialista que, por mais problemática que seja, tem um impacto nas formas de concepção individuais. Para a voz lírica, o espaço cultural da nação  um “caldeirão”, mas também “sol” e “noite”. Com isso, parece chamar a atenção para as diversas práticas que configuram o discurso em volta do espaço geográfico e das regras de pertencimento. Elas têm importância, a partir do momento em que impactam sobre a forma como o indivíduo concebe o mundo e o transforma em representação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso da nação  fruto de diversas formatações discursivas, dentre as quais aquela dotada com os mecanismos de poder mais amplos que acaba se impondo e prevalecendo na dinâmica de representação. A nação, contudo, não pode ser reduzida a ideia de limites, fronteiras e passaportes. Com efeito, ela abarca muito mais que a versão utilizada para fins de exportação. Os dois poemas de Nevfel Cumart problematizam essa ideia e aquilo que se atrela ao espaço regrado de convívio social. O primeiro poema retrou os meandros afetivos inerentes  dinâmica de pertencimento, mostrando a diferente forma de canalizar a energia afetiva em direção a um espaço geográfico. Nisso, o autor aborda as diferentes implicações para as duas gerações, indicando a clareza da primeira geração e o deslocamento de pertencimento da segunda. No lugar de enfatizar a nação, ele chama a atenção para a localidade da concretização existencial.

O segundo poema tematiza a nação como espaço cultural. Nisso, o autor adota percepções essencialistas e de interação cultural, da qual resulta uma configuração híbrida. Nesse cenário, a nação como configuração cultural acaba sendo representada tanto com uma essência em forma de pares dicotmicos como uma mescla de unidades mínimas de sentidos que perdem seu caráter original, para se transformarem em algo. Com isso, a voz lírica chama a atenção para as diversas dinâmicas de representação que têm um impacto para o sujeito e suas concepções de mundo, evitando resposta simples. Com efeito, a literatura de imigração mostra a complexidade atrelada ao espaço de interação social no contexto nacional e apresenta inúmeras formas de pertencer além daquelas previstas nos discursos dominantes.

## EVIDENCE OF A NATION IN TWO POEMS OF NEVFEL CUMART

**Abstract:** *Nevfel Cumart, a German language poet, belongs to the second generation of Turkish immigrants in Germany. A lot of his poems discusses the existence of this social group, dealing with the conflicts which characterize their personal universe. This article aims to analyse two poems, in which Cumart tackles the question of nation, a concept understood in this context as a plot that*

*represents a geographical space. Thus, the analysis firstly studies the affective relations within the national narrative and, in sequence, focusses on the cultural hybridization process within the limits of national space.*

**Keywords:** *Nevfel Cumart. Poetry. Nation.*

#### Notas

- 1 “different identities and hierarchical structures relating to gender, ethnicity, “race”, class and other social divisions at local, national, transnational and global levels” (ANTHIAS, 2012, p. 102).
- 2 “How are some communities imagined as more desirable than others? Which communities survive and which do not? How are communities an effect of power or of the claiming of spaces by some bodies and not others?” (AHMED/FORTIER, 2003, p. 252).
- 3 Tradues do autor deste artigo. Foi mantida a escrita minscula do original.

#### Referncias

- AHMED, Sara; FORTIER, Anne-Marie. “Re-imagining communities”. IN: *International Journal of Cultural Studies*, v. 6(3), 2003, p. 251–259.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTHIAS, Floya. “Transnational Mobilities, Migration Research and Intersectionality. Towards a Translocational Frame”. IN: *Nordic Journal of Migration Research*, v. 2(2), 2012, p. 102-110.
- CUMART, Nevfel. *Waves of time – Wellen der Zeit*. Dusseldorf: Grupello Verlag, 1998.
- HANSEN, Klaus P. *Kultur und Kulturwissenschaft : eine Einführung*. Tubingen: Francke. 2011.
- YE ILADA, Karin E. *Poesie der Dritten Sprache. Turkisch-deutsche Lyrik der zweiten Generation*. Tubingen: Stauffenburg, 2012.
- BOURKE, Eoin. Posfacio: “A learning experience not only for Germans. Thoughts on Nevfel Cumarts more recent poetry/ Ein Lernerlebnis nicht nur fur Deutsche. Gedanken zu Nevfel Cumarts neuerer Lyrik“. In: *Jenseits der Worte – Beyond Words*. Dusseldorf: Grupello Verlag, 2006, p. 177-187.